

O 1.º de dezembro

Deus faz as leis do mundo e o povo as suas.
Um povo disse entre o fragôr da lide:
«Somos livres e o rei que nos preside!»
E ouviu-se um retinir de espadas nûas,

E fez-se uma nação. O throno e o templo
Deram a sagração à heroica empreza;
De luetas, de prodigios, de nobreza
Oito seculos bastam para exemplo.

Quem oisa agora com traidora sanha
Disputar-nos a nós a avita herança?
Quem, bandeira de paz hasteada em lança
Levanta no horisonte?... A Hespanha? A Hespanha?! *Portugal*

E pode a nobre patria de Pelayo
Vir a patria insultar de Viriato?
Pois não sabe que ao impio desacato
Póde fulgir no Herminio o mesmo raio

Que fez de Roma o assombro e a lusa gloria?
Deu-nos o mesmo berço equal nobreza;
Em força, em genio, em crenças e em firmeza
Não cede a nossa historia a outra historia!

Altivos Hespanhoes, raça de bravos,
Honrae vossa bandeira, honrando a extranha.
Não é, nem póde ser nobre façanha
Tentar faser de irmãos horda de eseravos.

Juntos nos proclamou a mesma fama,
Juntos vencemos em gloriosas lides;
E tentaes insultar, netos dos Cides,
Os netos de Cabral, de Castro e Gama!

Conquistámos um reino, e eseravos forros
Comprámos os direitos de cidade,
Leis, patria, independencia, liberdade,
Em moeda de heroes — em sangue a jorros.

Depois, quando nos ocios mais jocundos
Vieis correr a vida entre folgares,
Por sobre os vagalhões d'ignotos mares
Iamos nós buseando ignotos mundos.

Obreiros do progresso, é nossa a frente
Na Odysséa immortal que o mundo admira.
Pregôa-o de Camões a egregia lyra,
E ousaes chamar pequeno um reino ingente!

Sabei que os netos dos heroes de Ourique
Respondiam ás salvas de Lisboa
Com seus lusos canhões em Diu, em Goa,
No Brasil, em Ormuz, em Mocambique,

5
Em Argilla, em Macau risonho o ameno,
Em Timôr, em Melinde; e mesmo agora
Vae do roxo occidente á rosea aurora
Este reino que ousaes chamar pequeno.

Pequeno! pequeno!... Um dia
(Vem já de longe esta sanha)
Olhou para nós a Hespanha
E estendendo-nos a mão
Disse: — «Como sois pequenos!
Vinde, irmãos, vinde ser nossos
E amanhã sereis colossos.» —
«— Não! — disse uma voz só — não!»

20 E este não tremendo e unanime
Vibrou pelas malhas duras
Das luzentes armaduras
Das bravas hostes de Aviz,
E repetia-o Nuno Alvares
C'roado de luz ignota
E os canhões de Aljubarrota
E a campa de Egaz Moniz,

E Valverde e Montes Claros
E Val-de-Vez e Montijo,
Até o proprio inimigo
Ao fugir d'esta nação,
Paço, templo, albergue e montes
Mandavam na voz da gloria
Para o porvir, para a historia
Aquelle tremendo — não!

Depois... Meu Deus! sinto lagrimas,
São de vergonha e saudade.
Quanta nobre mocidade
Vejo finar-se alem-mar!
O rei moço e a moça gente,
Sangue de peitos robustos
Regando areas adustos,
E aqui... ninguem a reinar!

A velhice fria e pávida
Sombra apenas... mytho... espectro,
Deixando cair o sceptro
Da inerte, gélida mão.
Era monção de traidores,
Faz-se a venda, vem a corda,
E nem uma voz accorda
Para bradar; — Inda não!

Agora mira-te, povo,
No espelho dos desenganos;
A historia dos sessenta annos
Abre-se a teus olhos, vê!
Não tem mãe quem não tem patria,
Nem braços de irmão, de amigo,
Nem lar, nem pão, nem abrigo,
Nem Deus, nem amor, nem fé!

Corra-se o crepe dos luctos,
Por sobre essa tumba ingente,
Troque-se o nome ao valente
Pela inscripção: — Jaz aqui...
Mude-se a c'róa em perpetuas,
Cêda a luz do sol aos cyrios;
A Illiada dos martyrios,
Pequenos, começa alli...

N'esse leito que é sepulchro,
N'essa existencia que é morte,
N'esse dormir que é soidão;
N'essa magoa que é silencio,
N'essa agonia-marasmo,
N'essa esperança que é pasmo,
N'essa paz que é podridão.

Mas passa a noite gélida,
A longa noite, e a aurora
Vem rubida, não chora,
Anciada, sim, parece!
Tal como a virgem próvida
Que envia, apenas se ergue,
Ao desvalido albergue
Olliar, conforto e prece.

Do matinal crepusculo
Da nova liberdade
Divina a claridade
Raios de amor envia.
Acorda, ergue-se o lazaro
Que ha tanto alli repousa
E sob a propria lousa
Esmaga a tyrannia!

Caloroso o amor da patria
Vida injusta em cada membro.
E o primeiro de dezembro
E' da nossa honra o fanal
Viva a patria, a independencia!
O rei nosso! a liberdade!
Povo, grandes, mocidade!
Um brado só: — Portugal!

Se alguma vez mais a Hespanha.
Nos ehamar pequenos, pobres,
Dizei-lhes; — «Grandes e nobres!
«Referem nossos avós
«Que do extenso reino iberico
«Desde Madrid a Lisboa
«Já foi vosso o sceptro e a e'róa;
«E que fizestes de nós?

Que feito foi das searas,
D'este vergel do occidente?
Das frotas do nosso oriente?
Sessenta annos a reinar,
De tantas nobres conquistas
Que fizeste, Hespanha? — Exulta,
Mar deserto e terra inculta...
Este solo... o nosse mar!...

Que nos promettes? venturas?
Deixaste tanta orphandade!
Liberdade! Liberdade!?...
E inda as masmorras dão ais!
Riquezã? ficámos pobres!
Fausto?... poderio?... gloria?...
Porque não rasgas a historia?
Não mais, Hespanha, não mais!»

Com a mão direita no peito,
Como em vaso de sacrario,
N'este fausto anniversario
Digamos bem alto: — Não!
Deus dé venturas á Hespanha,
Mas se houver sangue e batalha.
Ser-nos-ha signa ou mortalha
De Ourique o egregio pendão!

THOMAZ RIBEIRO.

